

## **Estética/beleza e antienvelhecimento Feminino: Biotecnologia e potencialização do corpo**

**Luana Alves dos Santos<sup>a\*</sup>, Fabio Zoboli<sup>b</sup>, Elder Silva Correia<sup>c</sup>**

<sup>a</sup>Rua Rosalina, 80/302, Farolândia, Aracaju, SE, Brasil; UFS, E-mail: [luana.adsantos1@gmail.com](mailto:luana.adsantos1@gmail.com)

<sup>b</sup>Rua Jordão de Oliveira, 96, Casa 2, Atalaia, Aracaju, SE, Brasil; UFS, E-mail: [zobolito@gmail.com](mailto:zobolito@gmail.com)

<sup>c</sup>Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, Brasil, UFS, E-mail: [elder.correia17@gmail.com](mailto:elder.correia17@gmail.com)

*Recebido em 09 10 2013, Aceito para publicação em 11 12 2013, Disponível online dia 31 12 2013.*

### **Resumo**

Este ensaio tem como objetivo tencionar algumas questões relacionadas à biotecnologia no que tange a relação desta com o corpo da mulher. Para isso trazemos duas problemáticas: a estética/beleza e o antienvelhecimento. A biotecnologia é aqui entendida como instrumento de potencialização do corpo, no mesmo instante em que é vista como ferramenta de modulação do corporal – na medida em que serve de amparo para as mulheres que buscam freneticamente se adequar a determinados padrões estéticos eliminando de seu corpo as marcas do envelhecimento.

**Palavras-chave:** Biotecnologia. Corpo. Potencialização. Estética. Antienvelhecimento.

### **Abstract**

This essay objectives to propose a few questions related to biotechnology and its relation to women body. About that, we brought two problematic: the aesthetic and the anti-aging. The biotechnology is understood as an instrument of potentiation of the body, and at the same way is seen as a tool to body modulation, that serves women who seek desperately to adapt to determined aesthetic standards, taking away from their bodies the marks of the aging.

**Keywords:** Biotechnology. Body. Potentiation. Aesthetics. Anti-aging.

---

## **Introdução**

Com o advento da ciência moderna e sua ânsia de dominar a natureza o ser humano procura desenvolver ferramentas para o controle da mesma. O homem busca controlar o clima, a produção no manejo da terra, acabar com as pragas que afligem o cultivo das plantas que nos fornecem alimento, apressar o crescimento dos animais na lida com a pecuária. Desse controle, cria-se a técnica e o corpo não foge a estas regras de manipulação e controle. Dominar o corpo e interferir na sua natureza é parte do

desejo do homem e da ciência. Neste sentido, destaca-se a biotecnologia como um dispositivo de potencialização e modulação corporal.

Arelado a isso, vivemos hoje numa sociedade do espetáculo, numa cultura do ver e do ser visto. Na modernidade a ênfase está pautada não no ser, mas sim no parecer, ou seja, não basta apenas ter um corpo bonito, faz-se necessário sua exposição na vitrine do mercado dos bens simbólicos do corpo – mercado este que hiper inflaciona a juventude e a beleza. Na sociedade do espetáculo – que tem como uma das bases o efêmero – busca-se a todo custo à conquista da visibilidade, e assim para poder ser alguém, a velhice deve ser descartada, pois é sinal de feiura. Como nos aponta Sibilia<sup>1</sup>: se envelhecer, proíbe-se a exibição dos traços da velhice que o tempo deixou, pois em meio à cultura das aparências juvenis, a velhice é algo obscuro e vergonhoso. A velhice é “um estado corporal que deve ser combatido – ou, quanto menos, sagazmente dissimulado – por ser moralmente suspeito e, portanto, digno de humilhação. Não deve ser exibido.”<sup>1</sup> (p.150)

Assim, existe no mercado do corpo uma gama de biotecnologias cujo objetivo é apontar uma saída para o labirinto da feiura provocada pela velhice, enquadrando os corpos (ou ao menos, prometendo enquadrá-los) nos padrões estéticos onde as marcas deixadas pelo tempo não têm espaço. Neste sentido, o presente ensaio tem como objetivo tencionar algumas questões relacionadas à biotecnologia no que tange a relação desta com o corpo da mulher. Para isso, trazemos duas problemáticas: a primeira está relacionada à estética/beleza, e a segunda com o antienvelhecimento feminino.

Sendo assim, este ensaio está dividido em duas partes: primeiramente apresentamos o conceito de biotecnologia e analisamos em que medida o mesmo pode ser interpretado como dispositivo de modelação e potencialização do corpo – tanto em nível de organicidade, como em nível de sentido/significação. Em um segundo momento, problematizamos a biotecnologia como um meio de amparo para as mulheres que buscam frequentemente se enquadrar nos padrões de beleza corporal no combate ao envelhecimento.

## **Biotecnologia e a potencialização do corpo**

Certamente, é impossível no mundo de hoje não pensar na evolução das mais variadas ciências e nas suas materializações no âmbito social. Estamos rodeados de tecnologias que vão desde as tecnologias digitais e de comunicação, até as técnicas protéticas e de manipulação genética. Propomos aqui, um estudo que gira em torno de alguns aspectos da biotecnologia, desse modo, conhecer seu conceito é de fundamental importância para que possamos entender sua atuação, cada vez mais presente, no sentido da potencialização do corpo no universo das mulheres que querem se firmar através de sua beleza – afastando do corpo os traços do tempo.

As tecnologias auxiliam e facilitam nossas vidas de variadas formas: no trabalho, nos estudos, no esporte, no lazer, nas questões que envolvem o corpo no que tange a saúde, a performance e a estética. Com isso, Novaes e Dagnino<sup>2</sup> comparam a tecnologia a uma forma de controle social da natureza. As novas tecnologias estão se adaptando às formas da sociedade e conseqüentemente de cada cultura. Sob este aspecto, Novaes e Dagnino<sup>2</sup> em um dito de Feenberg destacam que:

Vê um fetiche cultural na tecnologia e afirma que este reside no foco naquilo que está na moda, na mudança contínua, incessante da tecnologia, e na idéia de avanço inexorável sempre benéfico. No entanto, nos esquecemos daquilo que não está mudando, isto é, das relações de dominação que continuam a moldar a sociedade e a tecnologia. (p.195)

Na menção de Wolf<sup>3</sup> em 1980 nos foi permitido ver e medir coisas que teriam sido impossíveis para um mortal, mas a tecnologia avançada foi divulgada, e permitiu usar técnicas sofisticadas de análise, assim como os processos biotecnológicos que possibilitaram ver o nível da célula. Segundo Comassetto<sup>4</sup> a tecnologia é “a realização suprema da humanidade e o instrumento com o qual podem ser solucionados nossos dilemas mais profundos” (p.21). Nas palavras de Cupani<sup>5</sup> o que se deve considerar na tecnologia é:

[...] um fenômeno básico, que tem sua chave na existência dos dispositivos (devices) [dispositivo aqui não é entendido como uma “coisa”, mas sim como um meio, ou seja, algo para] que nos fornecem produtos (commodities), ou seja, bens e serviços, quer se trate do

aquecedor elétrico, que nos dá calor, do automóvel, que nos permite deslocamento rápido e relativamente livre, ou do aparelho de televisão, que põe ao nosso alcance informação e diversão. (p.500)

Neste sentido, destaca-se um dos ramos da tecnologia, a *biotecnologia*. Desta forma, para Manske<sup>6</sup> o termo biotecnologia na atualidade é:

Amplamente utilizado em diversas situações, o que lhe confere diferentes definições e acarreta uma série de possibilidades de produção, tais como a fabricação de antibióticos, vacinas, testes genéticos e medicamentos diversos, bem como de campos de intervenção como a engenharia e o aconselhamento genético. (p.292)

Ainda para este autor, o surgimento da biotecnologia:

Dominaria os investimentos, as pesquisas, as atividades econômicas e científicas e, inclusive, o imaginário social, a saber, a engenharia genética com ênfase na clonagem de seres vivos e no código genômico, os quais partem, primordialmente, da composição e compreensão do que é um genoma. (p.292)

A biotecnologia é então caracterizada pela manipulação de componentes dos seres vivos<sup>7</sup>. São ramos da biotecnologia, a microbiologia, a genética e a biologia molecular. Basicamente as biotecnologias buscam potencializar o corpo para além de suas condições naturais.

Encarnando esperança, a biotecnologia tem a possibilidade de simular as técnicas e funções do corpo humano, e tem-se para cada “defeito” do corpo uma solução. Compra-se o produto adequado que o corpo precisa, e “elimina-se” o que estava incomodando. Nas palavras de Silva<sup>8</sup> a biotecnologia:

Tende a identificar a mente, o corpo e suas partes às matérias primas manipuláveis e controláveis, visíveis em diversas reparações clínicas do corpo e da pessoa, nas dietas alimentares, na assistência médica à procriação, com suas técnicas de fertilização *in vitro*. (p.152)

A biotecnologia como um dos ramos da tecnociência, cada vez mais se destaca no sentido de ser um dispositivo de modulação do corpo<sup>9</sup>. Assim, a mesma visa oferecer ao corpo seu estado de natureza, porém cada vez mais a biotecnologia está visando

penetrar/invadir/metamorfosear a organicidade do corpo não mais normalizando suas funções (dando a ele seu estado de homeostase), mas sim ampliando, transpondo, potencializando, transcendendo essas funções. Ou seja, pela técnica busca-se sanar a precariedade do corpo enquanto natureza.

Cada vez mais a biotecnologia vem sustentando um corpo que anseia ser “imortal”. É como nos apresenta Tadeu<sup>10</sup> – do lado do organismo: seres humanos que se tornam, em variados graus, “artificiais” e do lado da máquina: seres artificiais que simulam características dos humanos e que ainda se apresentam potencialmente melhorados a eles. Estamos imersos no âmbito das biotecnologias que atravessam e invadem nossos corpos. Nesse sentido, destacamos mais uma vez as palavras de Tadeu<sup>10</sup>:

Implantes, transplantes, enxertos, próteses. Seres portadores de órgãos “artificiais”. Seres geneticamente modificados. Anabolizantes, vacinas, psicofármacos. Estados “artificialmente” induzidos. Sentidos farmacologicamente intensificados: a percepção, a imaginação, a tesão. Superatletas. Supermodelos. Superguerreiros. Clones. Seres “artificiais” que superam localizada e parcialmente (por enquanto), as limitadas qualidades e as evidentes fragilidades dos humanos. Máquinas de visão melhorada, de reações mais ágeis, de coordenação mais precisa. Máquinas de guerra melhoradas de um lado e outro da fronteira: soldados e astronautas quase “artificiais” seres “artificiais” quase humanos. Biotecnologias. Realidades virtuais. Clonagens que embaralham as distinções entre reprodução natural e reprodução artificial. (p.12)

Nesse contexto, analisamos como recursos *biotecnológicos*, as biotecnologias com o objetivo de potencializar e controlar a natureza do corpo: o uso de suplementos alimentares, relógios que medem batimentos cardíacos, aparelhos de academia, produtos de embelezamento feminino, roupas modeladoras, anabolizantes, medicamentos emagrecedores, próteses e um sem fim de produtos, que de certa forma fazem o corpo sair da sua “originalidade”. Todos estes são recursos que nos possibilitam consertar, completar ou redefinir a matéria humana, sendo classificados em nosso contexto como biotecnologias: artefatos capazes de aumentar a eficiência do corpo enquanto objeto/produto para potencializar o corpo e assim promover um corpo jovem, belo, magro, torneado e saudável.

As inovações biotecnológicas estão transformando as maneiras de pensar/sentir/agir o corpo. Estas novas maneiras de gerir o corpo – por meio da biotecnologia – estão cada vez mais pautadas na potencialização e por consequência no aumento da performance. Manske<sup>6</sup> compactua com Rose (2007) ao argumentar sobre as:

Possibilidades de alteração do humano a partir das biotecnologias na busca de seu aperfeiçoamento, melhoria ou superação da condição humana. [...] A partir do conceito otimização, Rose (2007) sugere o "controle do processo vital do corpo e da mente" através das biotecnologias contemporâneas. Assim, as biotecnologias, enquanto tecnologias de otimização, buscam um controle total do processo vital do humano. (p.229)

Nesse sentido, buscamos através desse conceito, de otimização, o melhoramento da performance humana na perspectiva de maximizar a beleza corporal. O corpo, hoje, exige menos tempo e mais rapidez, por isso a biotecnologia está no mercado para servir de “solução rápida” para aqueles que procuram suprir as necessidades do corpo. A sociedade aderiu aos dispositivos tecnológicos e, impulsionada por estes, acelerou o ritmo de vida humana. O lema é caminhar rápido, terminar logo, emagrecer depressa, fazer mais. A velocidade como fenômeno invisível tornou-se um processo cultural que se auto-impulsiona, envolvendo toda a civilização contemporânea, movendo tudo e todos.

Ao manipularmos a vida com auxílio das biotecnologias cabem alguns questionamentos: o que seria alargar o limite de viver enquanto corpo? O que é ter controle do próprio corpo? Está nas mãos das biotecnologias a responsabilidade pela vida e pela permanência no mundo?

No tempo presente o processo de controle do corpo mediado pela ciência e pela tecnologia alcança parte da experiência humana, e tornam-se veículos importantes de uma prática cada vez mais recorrente entre nós, *o culto à performance*. A performance e o rendimento do corpo se expressam de diferentes formas, em variados campos, mostrando um corpo cada vez mais capaz de derrubar fronteiras. Essas podem ser externas ao corpo, relacionadas ao espaço e ao tempo, ou internas a sua própria constituição, de onde temos um corpo mais magro, mais forte, com esse ou aquele músculo mais

desenvolvido, conforme conveniências e exigências de plantão.<sup>11</sup>  
(p.101)

Podemos desta forma, considerar aqui também a biotecnologia como um modo de governabilidade de corpos. Bartolo<sup>12</sup> nos lembra que não existe um modelo único de corpo, assim como não há corpo imune à técnica. Cada corpo sempre será o resultado de um processo particular de corporização, isto é, a cultura de cada corpo se torna um particular universal em que a sua construção é sempre técnica. O corpo humano sempre foi dotado de técnicas, e quanto mais o ser humano tende a transformar seu corpo, indubitavelmente, “melhoraram as performances ao mesmo tempo em que se modificaram os tecnicismos corporais”<sup>13</sup> (p.42).

A potencialização recai numa relação de domínio da natureza/corpo que gera um processo paradoxal, ou ambíguo na medida em que “reconhecemos na natureza ‘um outro’ a ser dominado”, ou seja, “objetos perante um espelho”. Este domínio não se apresenta “apenas” na materialidade do sujeito, mas também em sua natureza interna, ou o que podemos chamar de subjetividade. O domínio do corpo por meio das técnicas e tecnologias nos diversos momentos históricos, não só interviu na carne, mas na própria subjetividade do sujeito ao ser colocado como “um outro” a ser dominado.

Porém, consideramos também que a potencialização do corpo por meio da biotecnologia, não trata apenas do corpo dominado, mas do corpo como um agente, corpo este que incorpora a biotecnologia nas suas experiências, e as re-significam. Isso acontece porque:

O corpo aqui é certamente, o “corpo-sujeito” (Merleau-Ponty), a vivência da corporeidade; a experiência humana é sempre a de um ser-encarnado-no-mundo. Por último, a fenomenologia frisa, junto com a corporeidade, o caráter ativo da relação com o mundo. Existimos agindo constantemente no mundo mediante nosso corpo<sup>5</sup>. (p.122)

Se o ser humano existe via corpo, ou seja, se a condição humana é corporal, subtrair ou atrelar qualquer tipo de biotecnologia a este corpo é de alguma forma fazer com que esta biotecnologia se torne corpo, pois esta faz aí parte da experiência deste, ou seja, é um meio para o “ser-biotecnologicamente-no-mundo”.

Entendemos, pois, a biotecnologia como um elemento intensificador do corpo, gerador de um devir, compreendida como uma alteradora no plano da intensidade, e não no plano da identidade<sup>12</sup>. A biotecnologia neste sentido é entendida aqui como um operador de sentido e significação do corpo.

Apesar das infinitas formas de reestruturar o corpo, não devemos permitir o corpo apenas um como um objeto de consumo ou uma máquina humana, pois, assim, ele poderá virar fantasma, isto é, um corpo que se perdeu, e que cada vez mais nós o ignoramos do “ser” que realmente é<sup>12</sup>. Tentamos, então, compreender os discursos que operam sobre o corpo, entre eles a biotecnologia visando a beleza/estética, atribuindo assim, um novo sentido ao corpo. Se há o discurso sobre o corpo que o anuncia como limitado, perecível e obsoleto e assim deve ser constantemente corrigido, tonificado, remodelado, enfim, potencializado, cada vez mais é perceptível pessoas (principalmente as mulheres) entrando na corrida frenética da remodelação corporal – e ao que parece a maior intenção é potencializar o corpo com o objetivo de se atingir uma determinada estética/beleza e, sobretudo prolongar a vida, tentando ao máximo exterminar as marcas do tempo no corpo.

### **Biotecnologia, estética e anti-envelhecimento: remodelações corporais**

O corpo é analisado por diferentes sentidos sociais, um deles é a importância que se dá à beleza/estética. A estética é compreendida neste texto como uma faculdade humana baseada “na consciência de que há uma harmonia entre o entendimento e a imaginação e que, uma vez que essa harmonia pode ser apreendida por qualquer ser racional, os juízos de gosto podem ser partilhados pelos outros atingindo assim a sua necessária objetividade”<sup>14</sup> (p.127). Ainda, conforme Sodré e Paiva<sup>15</sup> é necessário compreender que o campo social recebe influências das aparências sensíveis, “não necessariamente instaladas na ordem do real, mas também do possível e do imaginário. Somos afetados todo o tempo por volumes, cores e ritmos, assim como por narrativas e frases.” (p.38-39)

Para finalidades menos glamorosas no campo da estética, a biotecnologia não reduz e nem previne doença, ela traz a possibilidade de uma remodelação corporal na vida das mulheres que se deparam com a flacidez e acomodações do corpo. Frente a

isso, podemos tencionar alguns litígios sobre as mulheres de acordo com os seguintes questionamentos levantados por Wolf<sup>3</sup> – pergunta o autor – será que:

[...] as mulheres são o sexo maleável, inatamente adaptado a ser modelado, cortado e submetido à invasão física? O corpo feminino merece a mesma noção de integridade do corpo masculino? Existe uma diferença entre a moda do vestuário e a moda do corpo das mulheres? Supondo-se que um dia as mulheres pudessem ser alteradas de forma barata, indolor e sem nenhum risco, será isso o que nós devemos desejar? Será que a expressividade da maturidade e da velhice devem se extinguir? Será que não perderemos nada se ela se extinguir? O que há afinal de tão fantástico em ter uma aparência jovem? (p.400)

A biotecnologia, por exemplo, analisa que os “corpos doentes” precisam ser curados e para corrigir as imperfeições que causam a doença o corpo necessita se apropriar da ciência/tecnologia que o potencializa ampliando sua capacidade de vida em relação à doença. A biotecnologia ajuda na modificação corporal no corpo de cada mulher que deseja ficar mais jovem e bela aos olhares do outro. Compactuamos com Simon e Gonçalves<sup>16</sup> quando os mesmos enfatizam que o corpo está sujeito a ser tocado e a ser contaminado pelo desconhecido, e mesmo assim segue-se adiante com o medo de falhar.

O corpo tornou-se obsoleto. As introjeções tecnológicas surgem a fim de “turbinar” a máquina humana, ampliando-a, melhorando-a, melhor adaptando-a as necessidades ambientais. É como se a seleção “natural” de Darwin ganhasse outros contornos e nós, à mercê das leis evolutivas, tivéssemos de nos adaptar.<sup>17</sup> (p.126).

Neste sentido, o corpo tornou-se cada vez mais manipulável na medida em que surgem diariamente biotecnologias com a intenção de retocá-lo na tentativa de corrigir “suas falhas”. Esse horizonte se expande, sobretudo com o crescimento constante da indústria da cirurgia plástica dando novas possibilidades de remodelagem corporal para as mulheres. Assim, “[...] os corpos tornam-se gradualmente plásticos e maleáveis [...] [expandindo] constantemente os limites de como o corpo pode ser reformado, modificado e reconstruído”<sup>18</sup> (p. 382).

Um dos fatores que faz com que a mulher procure cada vez mais o embelezamento, com o passar da idade, é o valor, o qual, atualmente, se dá ao corpo. No livro “o mito da beleza”, Wolf<sup>3</sup> conta que devido às tecnologias que surgiram na década de 1890 foi possível tirar as primeiras fotografias de prostitutas nuas para mostrar as imagens de como deveria ser a aparência das mulheres. Com isso, para se construir o corpo ideal que surgia, foram espalhadas as imagens dessas mulheres nas obras de arte, cartões, gravuras, estátuas entre outros.

Com a expansão da tecnologia, as imagens do corpo de modelos, por exemplo, são modificadas graças a programas editores de imagem. O corpo dessas mulheres ganham formas e curvas que são almeçadas por milhares delas, que estão cada vez mais sendo manipuladas com as publicidades do corpo “perfeito”. Com isso, a crescente manipulação (fabricação e consumo) de imagens passou a determinar – sem se preocupar muito com resultado – mudanças éticas e estéticas, históricas e sociais, remodelando a sociedade.

Neste sentido, o corpo está sempre sendo observado por olhares diferentes, que produzem corpos diferentes. Assim, compactuamos com Bartolo<sup>12</sup>:

Se olharmos “desinteressadamente” para um corpo – olhar por olhar – esse olhar produz um regime de sentido diferente de um olhar “interessado” – como o olhar do médico sobre o doente ou o olhar do treinador sobre o atleta. O corpo pode ser “bem olhado” ou “mal olhado”, mas é, sempre, mesmo que se esconda, da pele até as entranhas, o corpo é sempre, sempre olhado, isto é, já passivo produto resultante daquele olhar. (p.28)

O culto à beleza/estética e à juventude sempre existiram na história da humanidade, e durante a evolução percebe-se que diferentes foram os padrões de beleza desejados e almeçados. De fato, temos um corpo que morfologicamente sempre será imperfeito para aqueles que o olham com os “óculos embaçados” da cultura do belo. O mercado do corpo é pautado pelas necessidades criadas pela cultura do padrão de beleza. Assim, se ser belo é ser jovem, faz-se necessário tirar do corpo todo e qualquer ícone que remeta velhice (leia-se: feiúra) ao olhar do outro. Aí entra o papel das tecnologias reduzindo o corpo à “coisa” fechando o ciclo da engrenagem: cultura, mercado e ciência/tecnologia.

Nesse senso comum, o corpo humano pode ser literalmente esculpido, transformado e alterado através das cirurgias plásticas, tatuagens e maquiagens definitivas; da alteração da cor e da forma da pele, dos cabelos. Essas alterações visariam realçar a beleza, aperfeiçoar o gênero por meio de transplantes, proteger contra as limitações da natureza e “des” ou “re” configurar, às vezes, permanentemente, o corpo e, conseqüentemente, a pessoa.<sup>8</sup> (p.171)

A estética está se tornando cada vez mais um tema do conhecimento que tramita no âmbito científico e que tem na biotecnologia um campo crescente. Exemplo disso são as cirurgias plásticas, os cremes anti-rugas, o silicone, dentre outros que visam “remover” as marcas da velhice do corpo da mulher<sup>8</sup>. Para combater os aparecimentos indesejáveis da idade, os quais não residem mais em curar doenças ou melhorar a saúde, as mulheres, agora, recorrem para salões de beleza e centros de estéticas. Assim, discutimos a biotecnologia também como uma ferramenta para adiar o processo do envelhecimento e conseqüentemente os sinais do tempo. Sob este aspecto, Manske<sup>6</sup> ressalta que: “os sujeitos que aderem a essas possibilidades de intervenção são consumidores, fazem escolhas na base de desejos que podem parecer triviais, narcisísticos ou irracionais, realizados não por uma necessidade médica, mas por um mercado e cultura consumidora”. (p. 300)

Além da diminuição da taxa de natalidade, uma maior preocupação com a beleza das mulheres que envelhecem pode ser um dos fatores que contribui para o aumento da expectativa de vida no Brasil. Nesse contexto, Wolf<sup>3</sup> aborda que:

As mulheres adquirem poder com o passar do tempo e porque os elos entre as gerações de mulheres devem sempre ser rompidos. As mulheres mais velhas temem as jovens, as jovens temem as velhas, e o mito da beleza mutila o curso da vida de todas. E o que é mais instigante, a nossa identidade deve ter como base a nossa "beleza", de tal forma que permaneçamos vulneráveis à aprovação externa, trazendo nosso amor-próprio, esse órgão sensível e vital, exposto a todos. (p. 17)

Diante de tantos produtos biotecnológicos, as teorias do envelhecimento nos possibilitam, hoje, lidar com ele de forma diferente, é possível adotar medidas que ajudam a retardar, prevenir ou mesmo atenuar esse processo inevitável. É dessa forma que a biotecnologia auxilia as mulheres a realizar desejos e ilusões de ter seus corpos

modelados e rejuvenescidos. No entanto, o que questionamos aqui é a coisificação da velhice, a redução dos corpos a seu invólucro físico. Subjetivar mulheres a olhar para seus seios caídos pelo tempo como que objetos destituídos de história é, a nosso ver, a maior de todas as barbáries que a indústria do corpo pode causar no sujeito. A necessidade – desejo – do belo é introjetada nas subjetividades femininas pela lógica cruel do mercado que vê nos corpos apenas números e cifras.

O fenômeno do culto ao corpo precisa ser mais bem explorado no âmbito das ciências humanas e sociais em cursos de formação que lidam com o corpo a fim de desconstruirmos alguns mitos que arrastam as mulheres à tragédia (afirmamos isso amparados na epistemologia da mitologia grega que fada sempre seus mitos a condição trágica do homem frente ao poder dos deuses). O mito do belo propagado na modernidade só faz aumentar a insatisfação das mulheres com a aparência envelhecida, empurrando-as ao uso das tecnologias de reestruturação corporal com o objetivo de promover a juventude e combater o envelhecimento. Nesse contexto:

Anseia-se para o corpo uma moldagem eficaz e bela, um lar que possa lhe servir e que suporte riscos e impactos a que nossa matéria está submetida diariamente. Busca-se um corpo que acompanhe a subjetiva e íntima jovialidade da alma e suas ambições terrenas. E é importante perceber que não é do corpo, especificamente, que esses questionamentos existenciais emanam, mas em direção a ele. Hoje o homem procura, por meio da ciência, da medicina e da tecnologia, um envoltório que acolha seus desejos mais (e menos) humanos: o “equipamento de vida” perfeito; um corpo (re)construído pelas biotecnologias nascentes, maleável e dócil. Há, nessa desesperada tentativa de superação, uma pretensão de ordem transcendental: o homem não quer morrer<sup>16</sup> (p.70).

Enfim, diante de infinitas formas para rejuvenescer, na busca de um corpo belo, Wolf<sup>3</sup>, compactuando com alguns autores, ainda indaga se realmente a mulher alcança a beleza ou apenas sacia os desejos que os olhos sempre tendem a registrar, abordando que “excluir radicalmente” marcas da velhice é um mito<sup>1</sup>, pois, apesar das variadas possibilidades de transformação do corpo, a célula permanece envelhecendo:

---

<sup>1</sup> Segundo o Dicionário Básico de Filosofia<sup>14</sup>, *mito* é uma narrativa lendária, pertencente à tradição cultural de um povo, que explica através do apelo ao sobre-natural, ao divino e ao misterioso, a origem do universo, o funcionamento da natureza e a origem e os valores básicos do próprio povo.

Mesmo muitos profissionais da indústria reconhecem que os cremes não funcionam. Segundo Buddy Wedderburn, um bioquímico da Unilever: "O efeito de esfregar colágeno na pele é insignificante. [...] Não sei de nada que penetre nessas áreas, sem dúvida nada que impeça as rugas". Anita Roddick, de The Body Shop, cadeia de estabelecimentos dedicados à beleza, afirma não haver "nenhuma aplicação, nenhuma aplicação tópica, que livre alguém de rugas de tristeza, de estresse ou de rugas fundas. [...] Não existe nada, nada mesmo, que faça com que alguém pareça mais jovem. Nada." Anthea Disney, editora da revista feminina *Self*, acrescenta que "todas nós sabemos que não existe nada que faça alguém parecer mais jovem". E, como conclui "Sam" Sugiyama, co-diretor de Shiseido: "se você quiser evitar o envelhecimento, terá de viver no espaço. Não existe outra forma de se evitar a formação de rugas, uma vez que se esteja fora do útero"<sup>3</sup> (p.145).

Dessa forma, o que estaremos perdendo se a expressividade da maturidade e velhice se extinguir? Por mais que a mulher seja "forçada" a ter a aparência de outra pessoa ela ainda precisa ter parte da sua identidade representada pelo "natural", porque as falhas da mente feminina estão sendo maiores que a de sua própria carne<sup>3</sup>.

## Referências

- (1) Sibilia P. Imagens de corpos velhos – a moral da pele lisa nos meios gráficos e audiovisuais. In: Couto, ES.;Goellner, SV. (Org). O triunfo do corpo: polêmicas contemporâneas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- (2) Novaes H; Dagnino R. O fetiche da tecnologia. Revista ORG & DEMO, 2004. v.5, n.2, p.189-210.
- (3) Wolf N. O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.
- (4) Comassetto LR. A celebração tecnológica no discurso do cotidiano. Revista Signos, 2004, v.25, n.1, p.19-28.
- (5) Cupani A. A tecnologia como problema filosófico: três enfoques. Revista USP scientiaezudia, São Paulo, 2004, v.2, n.4, p.493-518.
- (6) Manske SG. Atletas do século XXI: ou das fusões: biotecnológicas nos atletas de alto rendimento. Revista Movimento, Porto Alegre, 2013, jan/mar de v.19, n.01, p.289-308.

- (7) Novaes VS. A performance do Híbrido: corpo, deficiência e potencialização. In: Couto ES; Goellner SV. *Corpos mutantes: ensaios sobre novas (d)eficiências corporais*. 2 ed. Porto Alegre: UFRGS, p.165-179, 2009.
- (8) Silva RCM. Um rosto para vestir, um corpo para usar: narrativa literária e biotecnologia. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, 2008. ano 14, n.29, p.151-188, jan./jun.
- (9) Bruno F. “Membranas e Interfaces”. In Nízia V, et al. (org.). *Que Corpo É Esse?* Rio de Janeiro: Mauad, 1999.
- (10) Tadeu T. *Antropologia do Ciborgue: as vertigens do pós-humano*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- (11) Vaz AF. Do culto à performance: esporte, corpo e rendimento. *Revista Brasileira de ciências do esporte*, Florianópolis, 1999. v.21, n.01, setembro.
- (12) Bartolo J. *Corpo e Sentido: estudos intersemióticos*. Covilhã: Livros LABCOM, 2007.
- (13) Le Breton D. *A sociologia do corpo*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2009.
- (14) Blackburn S. *Dicionário Oxford de Filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- (15) Sodré M; Paiva R. *O império do grotesco*. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.
- (16) Simon CL; Gonçalves SMLP. Corpo e biotecnologia: a indagação das fronteiras humanas em Stelarc. *Intexto*, Porto Alegre, 2010. v.2, n.23, p.69-86, jul./dez.
- (17) Silva AL; Moreno A. Frankenstein e cyborgs: pistas no caminho da ciência indicam o “novo eugenismo”. *Revista Pensar a Prática*, Goiânia, 2005. v.8, n.2, p. 125-139, jul./dez.
- (18) Ortega F. Corporeidade e biotecnologias: uma crítica fenomenológica da construção do corpo pelo construtivismo e pela tecnobiomedicina. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 2007, v.12, p.381-388.